

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ - FADIC
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Pedro Paulo Oiticica de Miranda

GOVERNANÇA CORPORATIVA NA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO:
Avaliando seus alcances e desdobramentos para as Relações Internacionais

Recife - Pernambuco
2016.2

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ - FADIC
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Pedro Paulo Oiticica de Miranda

GOVERNANÇA CORPORATIVA NA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO:
Avaliando seus alcances e desdobramentos para as Relações Internacionais

Monografia apresentada à Faculdade Damas da Instrução Cristã - FADIC, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Prof. Orientador: Marcondes Souto

Recife - Pernambuco

2016.2

Miranda, Pedro Paulo Oiticica de

Governança corporativa na tecnologia da informação: avaliando seus alcances e desdobramentos para as Relações Internacionais. / Pedro Paulo Oiticica de Miranda. – Recife: O Autor, 2016.

47 f.

Orientador(a): Prof. Ms. Marcondes Roberto Pereira Souto.

**Monografia (graduação) – Faculdade Damas da Instrução Cristã.
Trabalho de conclusão de curso, 2016.**

Inclui bibliografia.

**1. Relações Internacionais. 2. Governança corporativa. 3. Governança de TI.
4. Tecnologia da informação. 5. Comércio eletrônico. I. Título.**

327

CDU (2.ed.)

Faculdade Damas

327

CDD (22.ed.)

TCC 2016-477

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ - FADIC
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

GOVERNANÇA CORPORATIVA NA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO:
Avaliando seus alcances e desdobramentos para as Relações Internacionais

Monografia apresentada à Faculdade Damas da Instrução Cristã - FADIC, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Aprovado em: ____/____/____

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Pedro Soares

Faculdade Damas da Instrução Cristã - FADIC

Prof. Thales Castro

Faculdade Damas da Instrução Cristã - FADIC

Prof. Marcondes Souto

Faculdade Damas da Instrução Cristã - FADIC

Recife – Pernambuco
2016.2

Sumário

1 INTRODUÇÃO	07
2 Delimitando o objeto de estudo: Governança Corporativa.....	12
2.1. Governança Corporativa e o papel do <i>Compliance</i> nas Relações Internacionais	16
2.2. Governança e tecnologia e sua importância nas políticas Internacionais.....	19
3. Governança Corporativa na Tecnologia da Informação e suas ligações com as Relações Internacionais	22
3.1 Origem da Internet	24
3.2. Modelo anglo-saxão.....	27
3.3. Modelo Alemão	28
3.4. Modelo Japonês	28
3.5. A Cultura na Tecnologia da Informação e suas conexões com as Relações Internacionais	29
3.6. Governança Corporativa x Governança de Tecnologia, motivando a cooperação no âmbito externo.....	35
4. A política internacional corporativa em um mundo tecnológico	37
5. Segurança da Informação e sua importância nas Relações Internacionais.....	39
5.1. Vulnerabilidade, perigo, ameaça à segurança no mundo globalizado e suas relações.....	43
6. CONCLUSÃO	44
Referências Bibliográficas	46

Lista de Siglas

API: Application Programming Interface
CobIT Control Objectives for Information and related Technology
CIO: Chief Information Office
COSO: Committee of Sponsoring Organizations
CSI: Continual Service Improvement
IBGC: Instituto Brasileiro de Governança Corporativa
ITIL: Information Technology Infrastructure Library
ISACA: Information Systems Audit and Control Association
MIT: Massachusetts Institute of Technology
NAFTA: North American Free Trade Agreement
PDTI: Plano Diretor da Tecnologia da Informação
ROI: Return On Investment
SI: Sistema da Informação
TI: Tecnologia da Informação
Unctad: (Union Nations Conference on Trade and Deployment)

Resumo

A elaboração desta monografia tem como objetivo explicar as demais formas e contextos sobre o tema de governança corporativa no mundo corporativo nacional e internacional, tanto em uma demonstração de conceitos locais; mas também global. Para isso serão usados vários conceitos sobre Governança de TI e como ela pode ser influenciável nas demais camadas das empresas, desde a parte mais técnica até as camadas estratégica da empresa. Na magnitude do contexto que será abordado usaremos as principais metodologias das boas práticas que são utilizadas nos processos de Governança de TI para explicarmos da melhor maneira como elas são inseridas nas principais empresas do mercado. Irei desta forma, citar algumas grandes empresas que utilizam das boas práticas e de empresas que começaram desde seu início com as metodologias de governança para que pudessem garantir uma proximidade para o sucesso. As Relações Internacionais precisam incorporar as temáticas da tecnologia da informação como base importante para as operações de governança corporativa. Desenvolvendo desta forma módulos de conduta e boas práticas ao aperfeiçoamento da política econômica e social das empresas e organizações públicas. Nesse ínterim, a Governança Corporativa na Tecnologia da Informação se adequa às tratativas das Relações Internacionais, pois permite a interação em tempo real dos indivíduos, em várias partes do mundo, assim como cabe analisar a pertinência das ferramentas tecnológicas na dinâmica de resultados e na facilidade de comunicação dos fatos discutidos transnacionalmente.

Palavras Chave: Governança Corporativa; Governança de TI; Tecnologia da Informação no modelo global; Gestão de TI; ROI (Return On Investment); Segurança da Informação; Relações Internacionais, Contextualização Global da interação tecnológica.

Abstract

The formation of this academic monograph has the objective of explaining the shapes and contexts of corporate governance in the corporate world, whether in the national or international scenario, demonstrating local and global concepts. Therefore, many concepts about IT governance will be used and how it can be employed on different levels of corporations, from technical areas to decision makers and strategic personnel. On the magnitude of the context, the monograph will bring the main methodologies that are commonly empowered on the IT governance process, in order to lay out how the best practices are placed in the top ranked companies across the globe. Major corporations examples will be presented on this matter and how companies that applied best practices from the beginning, supported their success. International relations must incorporate the themes of information technology as an important basis for the corporate governance operations. Developing this way forms of conduct and best practices to improve the economic and social policy of companies and public organizations. In the meantime, Corporate Governance in Information Technology is in line with International Relations negotiations, as it allows the real-time interaction of individuals in various parts of the world, as well as the relevance of technological tools in the dynamics of results and ease of the facts discussed transnationally.

Keyword: Corporate Governance; IT Governance, Information Technology in the global model; IT Management; ROI (Return On Investment); tangible and intangible assets Cost Reduction; Cloud Platforms, Information Security; International Relations

1. INTRODUÇÃO

O tempo de hoje nos torna dependentes da grande quantidade de informação para governarmos o que nos cabe como obrigação, a tecnologia da informação passou a ser essencial para nos tornarmos indivíduos profissionais competitivos no meio dos negócios, e não menos importante para os investimentos em inovação, eficiência e controle.

A governança de TI é inserida nos mais diversos meios corporativos, nas pequenas, médias e grandes empresas, sejam nacionais ou internacionais. Embora dentro do contexto de governança corporativa, o propósito é aferir o desempenho da TI para que os negócios saiam com a maior previsibilidade, não só organizacional quanto operacional e financeira.

Ter informações estratégicas hoje é um dos maiores capitais ativos que uma empresa pode ter, porém um dos ativos mais complexos de serem gerados pelas empresas, principalmente no contexto nacional é a informação. Para isso ser mensurado, aferido e simultaneamente consolidado em um único ambiente, é necessário investimento em tecnologia.

Muitos métodos, ferramentas e melhores práticas foram inseridas no mundo corporativo, buscando sempre a melhor performance e a melhor transparência para apoiar os executivos, de modo a mensurar os valores tangíveis e aqueles de maior complexidade de mensuração, aos que chamamos, valores ocultos dentro da TI de uma empresa.

O ser humano a cada dia está mais dependente do uso da tecnologia da informação, seja ela na tomada de decisões profissionais, seja nos desdobramentos de ordem pessoal. Empresas a cada dia mais investem em ferramentas tecnológicas para obter maiores resultados com menores custos. Durante todo o nosso dia estamos conectados a algum tipo de ferramenta tecnológica. Na atualidade, a conexão com a tecnologia é ininterrupta e se tornou um caminho sem volta para o passado, desconectado e desconhecedor do avanço tecnológico. A sociedade está cada vez mais conectada a essas tecnologias, modificando inclusive o modo de se comunicar e agir.

Estas ferramentas trazem facilidades que jamais foram dadas para o nosso cotidiano. Ferramentas que permitem falar com pessoas remotamente, equipes que estão distantes, familiares com os quais não se comunica com frequência, consegue-se fazer comunicações em

lugares remotos e tempos diferenciados, ao trazer uma velocidade cada vez maior em nossos projetos, de vida e corporativos.

O mundo corporativo exige mudanças e inovações tecnológicas, de forma dinâmica e precisa. Ligado a tal dinâmica, a busca por melhorias em seus processos através da tecnologia muitas vezes faz as empresas alcançarem patamares em escala elevada, se for comparada com a forma tradicional.

A necessidade diária da tecnologia está causando uma dependência muito forte sobre as plataformas de tecnologia. Tais dependências acarreta no indivíduo o peso de obter altos índices de estresse e ansiedade, quando, por exemplo, o acesso à internet apresenta falhas ou até mesmo a queda de um sistema ou aplicação, pois tudo está conectado entre si e dentro da internet.

Este trabalho tem como objetivo falar e discutir sobre o mundo da tecnologia na vida corporativa e como as empresas estão vivendo suas mudanças empresariais em termos de governança corporativa, quais caminhos percorrer através dos avanços tecnológicos e quais as problemáticas vividas dentro dos avanços cibernéticos de larga escala, bem como o impacto que isso pode gerar para o mundo corporativo, principalmente nas Relações Internacionais. Será abordada também a discussão da segurança da informação através das multiplataformas denominadas de nuvem no termo em *inglês (cloud computing)*¹ e seus avanços nos próximos anos e décadas.

Conforme os estudos realizados para este trabalho, mencionando a Diplomacia Corporativa como um exemplo no marco do mercado mundial, a globalização impulsionou os processos de internacionalização e hoje as companhias cada vez mais se parecem com Estados independentes, com suas próprias regras, as quais articulam as demandas de negócios com pressões governamentais e sociais. Esta complexidade logicamente exige o desenvolvimento de um novo profissional, multidisciplinar capaz de articular os objetivos de negócios com as complexas diferenças culturais, políticas e sociais que coexistem no mundo.

¹ O conceito de computação em nuvem (em inglês, **cloud computing**) refere-se à utilização da memória e da capacidade de armazenamento e cálculo de computadores e servidores compartilhados e interligados por meio da Internet, seguindo o princípio da computação em grade.

Como consequência a Governança corporativa refere-se aos profissionais com posições nas empresas que são designados para desenhar e gerenciar uma estratégia coerente de atuação internacional. Assim, a política externa corporativa trata de criar uma visão articulada internacional para ação de departamentos que de alguma forma se relacionam com o exterior. Cabe a diplomacia corporativa assegurar que os objetos da política externa corporativa sejam executados, na prática, agindo entre o mundo externo e o mundo corporativo nas dimensões de governo, mercado e sociedade.

A atual dinâmica do ambiente de negócios em Relações Internacionais requer um profissional que tenha competência e liderança para desenvolver e executar estratégias de internacionalização das organizações. O Executivo Corporativo desta área específica é o profissional que possui conhecimentos e habilidades necessárias para desenhar e gerenciar a política externa corporativa das empresas. O artigo traz também reflexões sobre as competências demandadas dos Executivos Corporativos e a discussão desta função de liderança.

Esse novo profissional multidisciplinar é chamado de Diplomata Corporativo, pois cabe a ele articular as necessidades estratégicas da empresa com os desafios impostos pelos governos e sociedade, além de gerir a estratégia da empresa em meio aos obstáculos políticos, culturais, econômicos que a corporação moderna deve enfrentar.

Este trabalho mostra passo a passo como o Diplomata Corporativo deve desenvolver e monitorar a política externa corporativa de uma empresa, além de mensurar as habilidades necessárias que ele necessitará. Abordando questões macroeconômicas e microeconômicas do mundo corporativo internacional, junto com a história da internacionalização de empresas brasileiras, ao visar o questionamento para os passos de como pode enfrentar o mercado global, e como esse mercado pode ser atrativo de uma maneira na qual se possa eliminar as burocracias que ainda existem, principalmente no Brasil.

Como consequência, a importância dos investimentos externos no Brasil para o desenvolvimento socioeconômico, serão demonstradas as questões que possam enfatizar os aspectos de “investimento direto do brasileiro no exterior”. É bem verdade que, a rigor, os conceitos de Governança Corporativa são fundamentos restritos a profissionais e empresas que

buscam uma qualificação ímpar, buscando o caminho das melhores práticas que o mercado exige, possibilitando, assim, uma experiência que enxergue adiante viabilidades econômicas e relacionamentos internacionais para executar um melhor plano de investimento, estando associados à organização, a gestão do tempo e as atividades, através dos benefícios conquistados, através da tecnologia. A Diplomacia Corporativa e a Internacionalização das empresas são vistas de maneira mais generalizada, como o “investimento no exterior”. De um ponto de vista analítico e crítico, é inegável que o “investimento direto de empresas brasileiras no exterior” desperta muito mais conotações negativas que a “internacionalização de empresas brasileiras”. Isto é causa de orgulho, como prova de que o país cresce e se desenvolve a ponto de começar a possuir firmas capazes de sobreviver em ambiente mais competitivo do que as familiares condições brasileiras nas quais nasceram. O que se esconderia atrás dessa percepção tradicional é a dificuldade de compreender que a avassaladora tendência das décadas recentes em direção a globalização da economia torna cada dia mais inadequado tratar dessas questões em termos de economia nacional.

Visto que a globalização tem virtudes em suas comunicações e outras funcionalidades importantes, tais como interatividade virtual em tempo real a globalização está longe de consolidar todos os mercados em um gigantesco centro mercadológico de escala planetária. A tensão persiste entre a visão herdada do passado, em parte justificável e válida em certos setores, a sensação crescente de que essa não é tanto matéria de escolha, mas de necessidade.

De acordo com os dados levantados pela Unctad, as empresas transnacionais passaram de 37 mil, na década de 1990, para 70 mil, em 2004. Essas transnacionais-mães mantêm pelo menos 690 mil filiais no exterior, quase metade delas nos países em desenvolvimento. Prevê aquele organismo internacional que, no âmbito global, o crescimento econômico, a liberação progressiva de políticas de investimentos e de regimes comerciais e a maior concorrência entre as empresas devem continuar.

A abertura da economia brasileira aconteceu ainda recente. No início da década de 90, as barreiras comerciais começaram a ser desmontadas. Essas dificuldades produziram um déficit ao longo dos últimos 17 anos, gradualmente às tarifas e as barreiras não tarifárias foram sendo

eliminadas ou reduzidas de forma significativa. A diplomacia corporativa na atualidade vem tomando espaço, principalmente pela participação que vem sendo feita pelo empresário corporativo, é ele quem está preparado e apto a operacionalizar e negociar divergências de interesses do mundo globalizado, questões e negociações que pode levar meses e muitas vezes, anos.

A diplomacia corporativa visa ajudar as empresas que começam a obter estrutura física e financeira de porte internacional. Trata-se de relacionamento e negociações de como a empresa deve desenvolver as suas relações no exterior e dos requisitos necessários para tanto.

Tendo como propósito à apresentação das informações necessárias, de fonte de pesquisas e de demais autores da Governança Corporativa, ao centralizar em operações de internacionalização de empresas, negociações internacionais, inteligência comercial internacional e o estudo do mercado global nas Relações Internacionais este projeto vislumbra a eficácia da Governança Corporativa na Tecnologia da Informação, no contexto das Relações Internacionais de modo a demonstrar que a tecnologia está a serviço dos processos da globalização e da conexão efetiva entre as organizações e indivíduos do planeta.

2. Delimitando o objeto de estudo: Governança Corporativa

A Governança garante que as necessidades, condições e opções das partes interessadas sejam avaliadas a fim de determinar objetivos corporativos acordados e equilibrados; definindo a direção através de priorizações e tomadas de decisão de forma a monitorar seu desempenho e conformidade com a direção e objetivos estabelecidos.

Como as empresas brasileiras estão buscando informações e qualificações para manter a conformidade das empresas? Será transcrito neste projeto o entendimento sobre *Compliance*, que significa a forma de cumprir, executar, satisfazer, ou seja, realizar aquilo que, da forma como foi acordado, será agora imposto. Em se tratando desta temática percebe-se que, no Brasil, as empresas brasileiras não têm o costume de seguir normas e regras de conformidade.

O país recentemente vivenciou um dos piores acontecimentos da história brasileira, cuja maior empreiteira do ramo da construção civil se envolveu em escândalos de magnitude

inaceitáveis para o mundo da governança corporativa, a falta de conformidade de processos, a ousadia de seus dirigentes, as formas como eles tinham autonomia de fazer o que bem quisesse com os processos e o capital da empresa. Não se esboçou nenhuma preocupação sequer com os termos de aliança das Relações Internacionais, gerando impacto a outros países. Devido a essa falta de compromissos gerou-se um impacto muito forte na economia deste país, este que, abriu portas e oportunidade para o crescimento em negócios internacionais e relacionamentos políticos internacionais.

A metodologia de governança corporativa abrange todas as capacitações para executar uma boa gestão; seja para os níveis elevados da hierarquia , tanto quanto para as equipes de retaguarda. Manter a conformidade de governança nas empresas é atribuir, executar, consolidar, implementar e auditar, seus processos internos constantemente, de forma contínua, pois estes são os principais pilares da governança corporativa.

A governança corporativa está ligada a metodologia de *Compliance*. Esse termo que tem sua origem na língua americana significa, a organização estar em conformidade com suas normas internas e a leis do país onde opera. Mais do que isso, exige o compromisso e obrigação individual de cada colaborador dentro da instituição, com o que foi estabelecido.

Quando há regras de governança dentro de uma corporação suas falhas de *compliance*, estão sujeitas à sanções legais e regulatórias, com perdas financeiras e até de reputação, imputados previstos quando assinado um documento jurídico ou formal, que rege as atribuições da instituição, seja ela pública ou privada. Como mencionado, pergunte a si mesmo, você profissional da área corporativa, executivo de negócios, *Key Accounts*, gerentes comerciais, diretores financeiros, que fazem parte dessas grandes corporações, que nós entendemos que foram contratados para gerir e honrar com as regras das empresas, empresas internacionalizadas ou não, será que estão agindo dentro dos padrões de conformidade de governança e cumprindo as práticas de *compliance*?

Podemos afirmar, portanto, que a governança corporativa posta em prática juntamente com as demais áreas da organização, em comunicação permanente, produz uma gestão proativa e mais efetiva. Para que essas áreas estejam sempre conectadas ou integradas entre si, de uma

forma direta ou indireta, cujas interações aconteçam, com a evolução da tecnologia, muitas ferramentas foram criadas para serem utilizadas, sendo uma forma que as empresas podem contar para acelerar seus processos e criando bases de dados precisas, reduzindo custos e agregando valor aos seus negócios.

Governança corporativa é uma área de estudo com múltiplas abordagens. Uma das principais preocupações é garantir a aderência dos principais atores a códigos de conduta pré-acordados, através de mecanismos que tentam reduzir ou eliminar os conflitos de interesse e as quebras do dever fiduciário. Um problema relacionado, entretanto normalmente tratado em outro fórum de discussão é o impacto da governança corporativa na eficiência econômica, com uma forte ênfase em maximizar valor para os acionistas (ARAUJO,2010, p 100)

A tecnologia é o coração da empresa. Uma boa gestão corporativa sempre terá que ter a melhor gestão de TI, pois é aí tudo começa e onde tudo funcionará. Para que essas áreas se comuniquem, alinhem projetos de forma prática e formal, estas companhias não podem deixar de investir em tecnologia da informação. Uma área dinâmica em atualizações, cresce em forma acelerada, mas que também não pode deixar de estar em conformidade com as normas de *compliance*, assim como a governança corporativa a governança de TI passa por procedimentos de validação de *compliance* rotineiramente.

Com o grande crescimento das empresas, no mundo cada vez mais competitivo mais informações são geradas de forma simultânea e rápida. A governança corporativa de TI se tornam indispensáveis para que se possa manter a adequação e o fortalecimento dos sistemas de controles internos da instituição, de maneira a mitigar os erros de acordo com as complexidades dos negócios que são gerados diariamente.

Nos últimos anos, o ambiente tem experimentado profundas mudanças, relacionadas em sua maioria, com as tecnologias da comunicação. A globalização de mercados e a integração interna e externa das empresas, caracterizam um novo ambiente empresarial, no qual as organizações dos mais variados setores têm realizado significativos investimentos em tecnologia da informação, passando a oferecer produtos e serviços amplamente apoiados nessa tecnologia. Assim, seja pelo novo ambiente empresarial ou por força das influências entre os setores, todas as organizações têm sido afetadas pela nova realidade do mercado e comércio eletrônico. Essa situação tem exigido das organizações grandes esforço para a assimilação e a utilização das tecnologias de informação referentes ao comércio eletrônico. (PINHO,2000, p 07)

As empresas se modernizam a cada dia e procuram melhorar seus processos, adequando sua capacidade de entrega, alinhando processos e gerando *workflow*² em suas organizações. Isto demonstra o sinal de maturidade a que estas, estão constantemente buscando, é algo para se mostrarem para o mercado, que se preocupam com seus clientes e estão buscando sempre a inovação para que possa proporcionar a seus clientes um melhor produto ou serviço.

Toda esta preocupação para com seus clientes exige e compromisso com a organização, compromisso que significa Governança Corporativa com o cumprimento das normas de *Compliance*, deve estar presente não só nas grandes empresas, mas, também em pequenas corporações. É preciso passar de forma clara para seus clientes a garantia legal e qualidade de seus produtos e serviços que estão sendo entregue. A empresa precisa demonstrar que as normas de compliance estão presentes no fluxograma da organização em seus quatro pilares: **processo, produto, pessoa e tecnologia.**

Como forma de desenvolver um pouco melhor este tema, torna-se pertinente perceber melhor este conceito de e-commerce, conceito este que surgiu em meados da década de 70, e ainda antes do aparecimento da Internet, através das redes informáticas privadas que permite efectuar transacções intra e inter-empresas . Desta forma, o e-commerce pode ser definido como “o conjunto das transacções comerciais de produtos e serviços efectuados através da Internet ou de outros meios digitais. Portanto, trata-se de um procedimento equivalente ao comércio tradicional, mas utilizando diferentes meios”. Acrescenta ainda que “todas as actividades de compra ou venda de bens, produtos, serviços ou informações, eletronicamente podem ser consideradas como comércio electrónico”(LIMA,2012, p 20)

A governança corporativa atribui às empresas segurança e clareza para que seus processos estejam realmente funcionando e que as regras destes processos estejam sendo cumpridas. Com o mercado cada vez mais adaptativo e cheio de inovações, e com o aumento populacional em larga escala é preciso que as empresas tenham suas garantias adequadas a seus padrões, e que suas informações sejam preservadas a todo custo. Maior bem de valor que uma empresa tem hoje, sem dúvida alguma, são suas informações e como elas estão protegidas.

² *Work Flow* é um termo em inglês que significa “fluxo de trabalho” é a sistematização do processo de negócio, na sua totalidade ou em partes, onde documentos, informações ou tarefas são passadas de um participante para o outro para execução de uma ação, de acordo com um conjunto de regras de procedimentos.

Garantir governança e conformidade, não é uma tarefa simples, são ações que devem ser tomadas sistematicamente, deve fazer parte do acompanhamento diários das organizações. Para grandes empresas esta é uma tarefa muito difícil de, não só internamente como externamente, garantir que as informações sejam seguras vem sendo uma preocupação enorme para as corporações, portanto as empresas vem investindo cada vez mais em tecnologia e processos de Governança e *Compliance*. citamos como exemplos a Amazon, Apple, Coca-Cola, IBM, Google entre outras. Crescer no ambiente globalizado é muito complexo, essas empresas tomam decisões diariamente direcionando de como crescer de forma global, e como se manter por muito tempo neste cenário. No mundo atual, cada vez mais competitivo, essas organizações estão sempre descobrindo novas formas de garantir e ampliar seus espaços ano após ano, de uma forma muito arrojada e criativa, cada uma com um perfil próprio, porém com características similares.

Existem riscos para as empresas que não atingem suas metas *compliance*, riscos relacionados a sanções legais e regulatórias, de perda financeira ou reputação, pelo motivo ao qual foi atribuído quando assinado um documento jurídico ou formal, que rege as atribuições de uma instituição pública ou privada. Riscos que muitas vezes levam empresas a caírem de ranking em seus nichos de mercado devido a suas ações, levando sérios problemas à sua gestão. Para as pequenas e médias empresas, é preciso seguir regras de *compliance*? Sim, mesmo as pequenas e médias empresas, tendo as mesmas obrigações que as grandes, em escalas distintas, são empresas que possuem clientes e precisam honrar aquilo que lhe foi assinado, caso contrário estará descumprindo os protocolos de uma instituição no mercado.

2.1. Governança Corporativa e o papel do *Compliance* nas Relações Internacionais

São muitas as empresas que crescem ao longo do seu tempo. Quanto mais estiverem comprometidas com seus processos, maiores serão seus resultados, maior será sua chance de crescer, e, o mais importante, se manter no mercado. Sempre dependentes de seus modelos de *compliance*.

Recentemente, registramos vários casos de sanções por não cumprimento de processos de *compliance*. Um desses casos contempla a maioria das empresas envolvidas na operação Lava Jato, um caso que segue de exemplo por ser atual e por envolver grandes empresas nacionais, de projeção internacional, as quais não poderiam jamais deixar de cumprir com seus processos de *compliance*, pois que estas possuem investidores estrangeiro e seus papéis negociados fora do Brasil.

As consequências para essas empresas, desse porte, falharem em seus processos de *compliance*, é que faltarão investidores, queda do valor de suas ações no mercado, por a falta de confiança, perda de credibilidade e sanções jurídicas e mesmo penais que serão aplicadas nacionalmente e internacionalmente.

Com a globalização, os cuidados com o meio ambiente, sustentabilidade e segurança da informação, as empresas inovaram e foram além do que imaginávamos um dia ter como tecnologia. Considerando os aspectos da computação em nuvem que abordaremos é importante evidenciar como devem se comportar os processos de governança e gestão de TI neste cenário, tomando como base os processos do COBIT, independentemente do nível de outsourcing das atividades de TI de uma empresa, a estratégia de TI é tarefa indelegável em qualquer cenário (FERNANDES, 2014).

A missão das empresas com as normas de *compliance* é assegurar com as demais áreas de toda a organização, em modo organizado e descentralizado, alinhado de forma prática e formal a adequação e o fortalecimento dos sistemas de controles internos da instituição. Tais fatores são importantíssimos para uma organização, principalmente para as multinacionais. Procurar sempre mitigar os riscos de acordo com a complexidade de seus negócios são fatores que impulsionam as diretrizes e os investimentos das empresas.

Falar de *compliance*, é falar de normas, princípios éticos (normas e conduta), regulamentos, procedimento de controle interno, sistemas de informação, planos de contingências, segregações de funções (evitando conflito de interesses). Aplicar as melhores práticas em seus processos traz melhores resultados sobre, gerenciar normas, princípio contábeis e controladoria, esses são pontos chaves para o mundo corporativo.

Compliance é um conjunto de disciplinas direcionadas a fazer cumprir as normas legais e regulamentares, políticas e diretrizes estabelecidas para as empresas e os negócios, ou seja, é agir de acordo com a regra.

Por volta dos anos 90, a governança atinge sua maturidade devido a essas necessidades que já começavam a aparecer decorrentes de empresas familiares que necessitavam embarcar em um modelo mais sustentável, tendo assim, poderes a executivos e transformando as empresas em modelos de gestão com níveis de transparência elevados.

O proprietário delega a um executivo o poder de decisão sobre sua propriedade, mas os interesses do gestor nem sempre estarão alinhados com os do proprietário, ocasionando muitas vezes conflitos. Desta forma os padrões de governança e suas conformidades fazem com que os processos fiquem claros e seus executivos possam evoluir com o modelo de negócio de cada empresa.

Os temas que revelam falta de conformidade são vários. Um deles aconteceu em 2002 na discussão no caso de fraude dentro dos demonstrativos financeiros levantados de algumas empresas dos Estados Unidos, como a Enron e a Worldcom, que foram expostas criando desconfiança em seus investidores. Assim como o ocorrido no Brasil recentemente como o caso da Odebrecht, Petrobrás, Camargo Corrêa e outras empresas envolvidas não só em fraudes de lavagem de dinheiro, porém em alterações dos números financeiros e fontes provenientes de contabilidades que não faziam parte do operacional da empresa.

São exemplos como estes em que, ao ocorrer, os níveis de regulamentação de Governança decidem fundamentar processos, criando um conjunto eficiente de mecanismos para assegurar que o comportamento dos executivos esteja sempre alinhado com interesse dos acionistas, com princípios fundamentais que evitem fraudes, erros estratégicos e abusos do poder. E no caso de não comprometimento das boas práticas, garantir penas cabíveis em processos jurídicos e administrativos.

Os principais mecanismos para isto são os conselhos de administração. A auditoria independente e o conselho fiscal. Tem-se como exemplo o primeiro código de governança criado no Brasil e publicado em 1999 pelo IBGC. Para o IBGC, o que significa governança

corporativa? “Governança Corporativa é o sistema pelo qual as organizações são dirigidas, monitoradas e incentivadas, envolvendo os relacionamentos entre proprietários, conselhos de administração, diretoria e órgãos de controles.

As boas práticas de governança corporativa convertem princípios em recomendações objetivas, alinhando interesses com a finalidade de preservar e otimizar o valor da organização, ao facilitar seu acesso ao capital e contribuir para sua longevidade.” (IBGC, 2012).

No Brasil ainda se convive com empresas que possuem o controle acionário, com baixa efetividade dos conselhos administrativos e pela percepção de propriedade perante a posição da gestão. Demonstra-se, de fato, que seria de muita valia a necessidade do incentivo e aprofundamento ao conhecimento sobre as ações, divulgações e compatibilidade das informações com a Governança Corporativa, e de como fundamentos como estes podem fazer total diferença nas organizações.

Tem-se como exemplo oriundo de muita sabedoria em nossa capital Pernambucana, o caso do Grupo Moura, que passa pela sua 2ª geração de executivos e decidem passar pelo processo mais adequado de governança corporativa, contratando corpo executivo para administrar o novo futuro da empresa junto com seus acionistas majoritários.

A própria BM&FBOVESPA lança em 2001 um incentivo para que empresas adotem as melhores práticas de Governança Corporativa criando o índice IGC, composto por ações de companhias listadas nos segmentos especiais da Bolsa de Valores. Ou seja, este índice tem como característica listar ações de empresas com as boas práticas de governança corporativa.

Essas empresas se comprometem de forma independente e voluntária de aderir aos padrões de boas práticas de governança corporativa e os níveis de transparência que são exigidos pelos processos, que muitas vezes vão além aos da legislação.

De acordo com os números, através de estatísticas da BM&FBOVESPA, em 2012 havia exatamente 180 companhias listadas. Governança corporativa ou empresarial está referenciada onde as entidades fundamentadas são dirigidas e controladas. A Governança Corporativa deve, portanto, sempre contribuir se dirigindo aos demais níveis da empresa que demandam governança, desde o administrativo, e passando por outros setores como: financeiro, controladoria, tecnologia da informação entre outros.

2.2. Governança e tecnologia e sua importância nas políticas internacionais.

A tecnologia da informação exerce um papel importante nos negócios devido a existência de algumas situações cuja ineficiência da tecnologia da informação causa impactos que podem ser negativos aos negócios, por exemplo, quando se trata de indisponibilidade do serviço, operações descontinuadas, entre outros.

Por essas questões é necessário observar que em termos de capacidade organizacional, os controles efetivos sejam criados e seja permitida a implementação da tecnologia da informação e que a mesma seja harmônica com o negócio.

O papel que a TI exerce na estratégia da empresa e também o seu compromisso com o suporte ao crescimento e sustentação do negócio, e de contribuir com a rentabilidade, qualidade e austeridade para a sustentação das organizações nos diversos mercados (OLIVEIRA,2009).

O tempo em que os recursos de tecnologia da informação, isolados, eram fonte de vantagens competitivas, hoje não há grandes organizações sem o planejamento em Tecnologia da Informação. As informações devem ser separadas, armazenadas, atualizadas e processadas de modo a produzir resultados significativos às organizações. A área de tecnologia precisa ter uma maior amplitude sobre as organizações e estas desenvolvem seu trabalho de modo a cooperar com o intuito de os objetivos organizacionais possam ser alcançados.

As organizações se mostram dependentes da tecnologia da informação, e, nesse contexto, a governança de tecnologia da informação ganha cada vez mais importância e sua prática traz realização à organização. Essas práticas pretendem aperfeiçoar os recursos, diminuir riscos e intensificar o controle sobre os resultados que foram oriundos da tecnologia da informação.

O aperfeiçoamento e a compreensão sobre a governança de Tecnologia da Informação, permite a melhoria da gestão de tecnologia da informação e sua aplicação na prática promove avanços nos processos, adequação nos fluxogramas, e de como as empresas devem agir e seguir a rigor estes processos, dando a possibilidade de seus diretores e seus aliados tomarem decisões mais assertivas.

A governança corporativa é estimulada pelo processo de globalização dos mercados, a concorrência sem fronteiras e sem barreiras, visando estimular o processo de abertura de capital, aquisições e fusões. A abertura da economia brasileira, o aumento dos investimentos estrangeiros no país, o processo de privatização de empresas estatais e o crescente do número de empresas brasileiras acessando os mercados internacionais são atribuições visíveis no cenário atual de intercomunicação global e de transterritorialidade estratégica. (SILVA,2005).

No Brasil, as operações de fusão e aquisição foram mais presentes após a redução das barreiras de entrada do capital estrangeiro e da inserção do País no mercado global. A governança corporativa é compreendida como a estrutura que se relaciona entre a responsabilidade de um grupo central formado pelos acionistas, por meio de membros do conselho da administração e os gestores designados para fomentar o desempenho competitivo e desta forma auxiliar nos objetivos da corporação. A Governança tem sua origem na palavra grega kubernan que tem o sentido de navegação, ou, processo contínuo a orientar e ajustar. Esse termo de governança é adotado sobre diversas variedades de áreas e disciplinas, que abrange de políticas públicas, medicina, administração.

A governança é a capacidade que as sociedades humanas detêm para implantar sistemas de representações, de instituições, de corpos sociais, para elas mesmas se gerirem em movimento voluntário.

Já o conceito de governança corporativa é atribuído como o conjunto de processos, costumes, políticas, leis e instituições que se manifestam na forma como a empresa é dirigida, controlada e administrada (LUNA,2011).

Visa o compartilhamento das decisões de tecnologia da informação, com os demais integrantes da organização. E atende aos requisitos de: busca o alinhamento entre a tecnologia da informação e o negócio; preservar a necessidade da continuidade do negócio sem que exista falhas e interrupções;

Então, para a nova economia institucional, a firma é compreendida como estrutura de governança, como estrutura de coordenação, como umnexo de contratos, sendo relevante a estrutura de propriedade (LEAL, 2002). A governança é estimulada por diversos fatores e

dentre esses fatores o mais comum é a transparência da administração no ambiente de tecnologia da informação nas organizações.

Antes de tratar sobre a governança da tecnologia da informação seria necessário abordar o tema governança corporativa que é um braço de tecnologia da informação. Ela é compreendida como sistema ao qual as empresas são submetidas, como já afirmado anteriormente, envolve o relacionamento entre acionistas, conselho e administração, diretoria e conselho fiscal. São as práticas de governança corporativa que estimulam o valor da sociedade.

3. Governança Corporativa na Tecnologia da Informação e suas ligações com as Relações Internacionais

A importância da tecnologia no mundo corporativo está consolidada, já é realidade, coisa que a 10 anos atrás não era tão importante assim. Todas as empresas que pensam em se manter no mercado tão competitivo e que exige mudanças em suas inovações constantemente, precisam otimizar seus processos com tecnologia de ponta. Existe sempre uma pergunta no ar. Será que essas ferramentas de gestão corporativa e pessoais realmente nos agregam valor?

O que importa é que a gestão empresarial mudou com o advento da tecnologia da informação, e, no momento, com o surgimento da internet em todas as suas facetas seja o marketing como advento do comércio eletrônico e a propaganda assim como softwares que controlam todos os processos organizacionais. (JOIA, 2015).

A cultura é algo que existe em todas as empresas, sejam elas pequenas médias ou grandes. Circunstâncias que remetem a criar seus padrões e perfis ao longo dos anos, moverem suas culturas para criar entendimento do que cada organização faz e como esses objetivos fazem parte do processo de crescimento. Por que as empresas buscam criar e desenvolver suas culturas, fixando cada vez mais em sua marca? Por que seus colaboradores precisam saber o real motivo de estarem ali, e no que irão trabalhar e qual impacto do seu trabalho para o mercado?

Criar cultura é fundamental para a sociedade, mercado e seus colaboradores, saberem a intenção e o porquê de estarem em suas ocupações e cargos, saberem que estão ali para

desenvolver algo em pró de algum benefício que os motivam diariamente. Existe sempre uma outra pergunta que se costuma fazer: Qual o resultado disto para minha empresa?

O resultado em todas as áreas, é de impacto não só de assegurar melhores resultados, mas também em definir como as empresas estimulam seus colaboradores a acordar todos os dias e sair para doar tudo de si por algo que não é deles, logo é incentivado para criar motivação necessária e estabelecer um objetivo único, união e comprometimento com a cultura da empresa.

Se isto gera resultado? Reflita e observe o quanto de retorno uma cultura empresarial remete às empresas. Quanto vale, ter seu colaborador motivado todos os dias? Quanto vale manter e desenvolver talentos? Em uma visão mais clara, isto pode significar todo o diferencial para empresa crescer de forma exponencial e se manter no mercado. E é aí que entramos em Governança Corporativa no mundo da tecnologia da informação. Acreditar na própria cultura corporativa é algo que nos traz os maiores frutos como crescimento e garantia de aperfeiçoamento dos produtos e serviços.

Como se pode falar mais sobre cultura corporativa no meio da Governança? Como já mencionado anteriormente, a cultura bem-conceituada dentro de uma empresa, remete a empresa a possuir melhores processos corporativos, adquirindo assim, uma maior amplitude e maturidade em sua governança, possibilitando seus colaboradores a serem responsáveis pelos seus projetos e por suas obrigações diárias.

E este é um ponto que mencionaremos algumas vezes: Como as empresas modernas aplicam suas governanças de forma centralizada em um mundo totalmente voltado para tecnologia, onde a comunicação passou a ser muitas vezes através de dispositivos móvel.

Dar a seus colaboradores a autonomia de suas obrigações, nos últimos anos, remeteu as empresas a descobrirem que seus colaboradores correspondiam mais, produziam mais e criavam mais, assim a cultura, junto com as ferramentas de tecnologia, deram a oportunidades dessas mentes e culturas criativas a trabalharem de onde acharem melhor e no momento que acharem mais propício para que possam criar, delegar e inovar.

3.1. Origem da Internet

O início da internet acontece de acordo com o momento histórico da guerra Fria, período em que as duas potências, EUA e URSS, necessitavam ter o maior controle possível sobre toda e qualquer informação, em virtude disto a comunicação era instrumento fundamental.

Com medo de possíveis ataques, o EUA teve a ideia de compartilhar e trocar informações de modo descentralizado, pois caso acontecesse um ataque ao pentágono essas informações não ficariam perdidas ou tão pouco danificadas.

Em 1957 a união soviética consegue lançar na órbita terrestre o satélite Sputnik. Logo em seguida o governo dos Estados Unidos dá início a uma série de programas de pesquisa com o objetivo de alcançar novamente a supremacia armamentista, científica e tecnológica. Entre outras iniciativas, é fundada dentro do Ministério da Defesa, a ARPA, com a tarefa de desenvolver novas tecnologias. A ARPA promove uma série de pesquisas sobre redes, com o objetivo de desenvolver um uso comum de diferentes fontes de dados computadorizadas e construir uma infraestrutura partilhada de comunicação, bem como uma transmissão confiável de dados. Há planos para a construção de uma rede de computadores na qual a transmissão de notícias não se daria por intermédio de uma rede pré-definida, mas com o uso da tecnologia. (KOLB, 2001, p 23)

A arpa, foi criada para funcionar como um sistema de transmissão de dados, essas informações eram divididas em pequenos pedaços de pacotes, estes apresentavam informações fragmentadas as quais permitiam a remontagem da mensagem original. Esse ataque nunca aconteceu. O que o Departamento de Defesa dos EUA, desconhecia é que eles tinham desta forma iniciado o maior fenômeno do século e que em mais 04 anos depois de sua criação, foi o meio de comunicação que atingiu quase 50 milhões de pessoas.

A revolução da internet não passou despercebida pelo Brasil. Muito pelo contrário, o país atualmente ocupa posição de destaque na utilização da internet no mundo. Dentre as diversas aplicações comerciais da infraestrutura da internet, podemos destacar os serviços bancários e o imposto de renda, que são casos de sucesso no mundo, representando iniciativas bem-sucedidas envolvendo tecnologias baseadas na internet. Como aconteceu nos Estados Unidos, a internet iniciou seus passos no meio acadêmico. (JUNIOR, 2007, P 201)

Como o perigo de ataques imediatos deixou de existir, os EUA autorizaram que os pesquisadores, cada qual em sua universidade, pudessem realizar estudos na área de defesa e que esses estudos também passassem a constar na ARPANET.

A história da criação e do desenvolvimento da internet é a história de uma aventura humana extraordinária. Ela põe em relevo a capacidade que têm as pessoas de transcender metas institucionais, superar barreiras burocráticas e subverter valores estabelecidos no processo de inaugurar um mundo novo. Reforça também a ideia de que a cooperação e a liberdade de informação podem ser mais propícias à inovação do que a competição e os direitos de propriedade. (CASTELLS,2003, p 25)

O que se compreende como internet é que ela é considerada uma base de construção, administração e gerenciamento. Isto é apenas a base da tecnologia.

O Comércio faz parte da história do homem, desde os tempos antigos até os dias atuais. Antigamente o comércio era considerado como a troca, no qual as pessoas trocavam tudo aquilo que produziam, sempre por algo que necessitavam.

Nos últimos anos, o ambiente tem experimentado profundas mudanças, relacionadas em sua maioria, com as tecnologias da comunicação. A globalização de mercados e a integração interna e externa das empresas, caracterizam um novo ambiente empresarial, no qual as organizações dos mais variados setores têm realizado significativos investimentos em tecnologia da informação, passando a oferecer produtos e serviços amplamente apoiados nessa tecnologia. Assim, seja pelo novo ambiente empresarial ou por força das influências entre os setores, todas as organizações têm sido afetadas pela nova realidade do mercado e comércio eletrônico. Essa situação tem exigido das organizações grandes esforços para a assimilação e a utilização das tecnologias de informação referentes ao comércio eletrônico. (PINHO,2000, p 07)

O significado de comércio acaba sendo mantido como objetivo principal, pois ao longo da história o comércio tradicional apresenta como base na troca de bens e serviços para atender as necessidades do homem. As mudanças que a sociedade sofreu, as novas tecnologias, se tornaram parte integrante do comércio.

Trata-se do novo comércio eletrônico para se contrapor ao comércio tradicional. É o comércio clássico de atos negociais entre empresários e clientes para vender produtos e serviços agora realizado através de contratações à distância conduzidas por meios eletrônicos (e-mail,mensagem de texto) por internet (on line) ou por meios de telecomunicações de massa (telefones fixos,televisão,cabos). Estes novos negócios jurídicos por meio eletrônico são concluídos sem a presença física simultânea dos dois contratantes no mesmo lugar para serem denominados contratos a distância no comércio eletrônico. (MOREIRA,2009, p 90)

A internet é um dos instrumentos fundamentais na evolução social, o comércio transforma-se em dinâmico e exigente, acaba ganhando novos contornos e novas formas de transação entre fornecedor e cliente.

O Denominado comércio eletrônico surge através da internet, como atividade econômica que mais cresce, são empresas que a cada dia que passa atrai maior número de investidores dentro do mercado de ações, valorizando o valor de mercado.

Como forma de desenvolver um pouco melhor este tema, torna-se pertinente perceber melhor este conceito de e-commerce, conceito este que surgiu em meados da década de 70, e ainda antes do aparecimento da Internet, através das redes informáticas privadas que permitiam efectuar transacções intra e inter-empresas . Desta forma, o e-commerce pode ser definido como “o conjunto das transacções comerciais de produtos e serviços efectuados através da Internet ou de outros meios digitais. Portanto, trata-se de um procedimento equivalente ao comércio tradicional, mas utilizando diferentes meios”. Acrescenta ainda que “todas as actividades de compra ou venda de bens, produtos, serviços ou informações, eletronicamente podem ser consideradas como comércio electrónico”(LIMA,2012, p 20

A expressão e-commerce tem origem do termo comércio eletrônico, ambiente que acontecem as negociações de forma eletrônica, exclusivamente pela internet. Nas palavras de Oliveira (2010) “O e-commerce é um fenômeno recente no Brasil, mas já em 2004 atingiu um faturamento de 1,75 bilhões em relação a 2003, este resultado é 47 % superior”. O que mais impressionava os especialistas é que o avanço estava sendo dado a passos largos.

O e-commerce é usado para comercializar ou até mesmo facilitar produtos ou serviços on-line, de modo ágil e de rápido acesso para as pessoas que compõem a sociedade em qualquer localização do mundo. Pois trata-se de uma forma de comércio que encurta as distâncias. O comércio a distância, o virtual, permite ao consumidor buscar os melhores preços, produtos e ofertas reduzindo desta forma seus custos. No B2B temos relações comerciais que se estabelecem entre as partes não consumidoras, ou seja, onde não há relação de consumo.

O e-commerce acaba tendo uma variedade grande de tipos de transações, elas acontecem entre empresas, pessoas e Governo, onde são construídas relações de negócios on line. As transações mais comuns são as: B2B, B2C, C2C, B2G.

O B2B, denominado de Business to business é interpretado como as transações que acontecem entre as empresas, deixando de lado os antigos hábitos de arquivar papel, essa nova

forma de negociação on line, deixou tudo mais rápido, otimizando as cadeias de valores e aumentando o universo entre as empresas entre si.

O B2B é uma operação de venda de produtos, mais conhecido como business to business. No e-Commerce B2B temos uma empresa que vende produtos para outras empresas, normalmente uma **indústria**, um **atacado** ou **importador** que comercializa produtos para outros lojistas e distribuidores através da internet.(VERTIS,2015, p 01)

Sendo que os sistemas utilizados na maioria das vezes são distintos, existindo a necessidade de implantar um sistema operacional homogêneo, para facilitar o acesso das pessoas, um sistema homogêneo acaba por implantar as informações com a mesma linguagem necessária nas transações entre as empresas.

O B2C representa o business to consumer, significa às transações que acontecem entre a pessoa jurídica e uma pessoa física, ou seja, significa a relação entre a empresa e o seu consumidor final, é uma forma da empresa relacionar-se com os clientes finais, tendo como objetivo fazer a interação entre empresa e consumidor final, procurando proporcionar aumento nas vendas.

O cliente / consumidor entra nos sites das empresas, escolhe os produtos, e compra os produtos, sendo da empresa a responsabilidade de entregar ao consumidor através do seu processo de logística.

3.2. Modelo Anglo Saxão

O modelo Anglo Saxão é praticado nos EUA e no Reino Unido que adota como principal característica a pulverização do controle acionário e a separação da propriedade e da gestão. As características dominantes do modelo de governança anglo saxão traduzem-se pela orientação dinâmica para o mercado, pela fluência do capital, pela diluição da propriedade e pela possibilidade de internacionalização dos negócios (NETO, 2010).

O Ativismo de forças que aconteciam tanto nos Estados Unidos como no Reino Unido, tiveram como objetivo principal o monitoramento de gestores tendo como objetivo o bloqueio de práticas de gestão que ferissem os interesses dos acionistas.

Existem também falhas nas corporações, mas existe um debate entre os sistemas legais representado pelo Estados Unidos e a Inglaterra, o modelo Anglo Saxão versus o modelo nipo germânico. Em determinado período, nos anos de 1980, valorizava-se muito o modelo de governança corporativa nipo germânica e até se tentava explicar o crescimento daqueles países durante aqueles anos em função de tal modelo. Agora no período mais recente, com a retomada da economia americana nos últimos 10 anos, há um revigoramento do modelo de governança corporativa anglo saxão (LEAL, 2002).

Suas principais características significam fonte de recursos para as empresas é o mercado de capitais, sendo que a estrutura de propriedade é pulverizada e desta forma dissociada da gestão, dando forte proteção aos minoritários e a alta liquidez das ações.

3.3. Modelo Alemão

O modelo alemão representava o controle acionário concentrado onde prevalecia o financiamento predominantemente bancário, essa forte concentração na participação acionária das empresas, reforçava a liderança autoritária.

O caráter concentrado do modelo alemão dá-se em função de, nesse modelo, não haver nenhum limite legal para a participação acionária nas empresas, inclusive dos bancos, embora estes últimos dividam com outros acionistas, não financeiros a posse de grandes blocos de ações. Em alguns casos, o controle de determinadas empresas por bancos deve-se a uma situação de inadimplência de companhias que foram dominadas por aqueles, sobretudo no que diz respeito ao financiamento de longo prazo. (MAZZALI, 2013).

Para compreender o desenvolvimento do modelo alemão de governança corporativa, devemos considerar o processo de hiperinflação e as duas grandes guerras pelas quais passou a Alemanha quando o país teve um papel peculiar em relação a outros países. O modelo de governança das empresas alemãs se caracterizava, sobretudo, como não transparente.

Durante os anos noventa a característica principal acontecia por meio das forças oriundas da internacionalização e, desta forma, as empresas alemãs passaram a adotar os padrões internacionais de governança corporativa.

A união ou seja a integração Europeia e a globalização dos mercados financeiros estão impondo mudanças em todo o mundo quando se refere à gestão dos negócios. Diante disto a Alemanha, não foi posta à margem dessas transformações.

3.4. Modelo Japonês

O Modelo Japonês apresenta semelhanças com o adotado pela Alemanha. Essas semelhanças estão ligadas pela importância dos bancos dentro da estrutura de capital e de monitoramento dos controles, fora as questões relativas às práticas de gestão na consideração de múltiplos interesses.

A gestão japonesa tem como foco o desenvolvimento em termos mundiais, seus mecanismos de governança corporativa estavam priorizando a segurança a longo prazo.

O modelo japonês surgiu depois da Segunda Guerra Mundial e se desenvolveu como estrutura de governança corporativa única, entre suas características estão a poder de intervenção governamental, dominado pelo Ministro das Finanças japonês; O modelo de propriedade cruzada pelas companhias afiliadas frequentemente incluindo clientes e fornecedores comumente a dominância de um acionista como um principal banco ou parceiro (ALVARES, 2008).

Esses tipos de propriedade e formas de monitoramento refletem visões diferentes dos objetivos finais das empresas, o que permite um segundo corte na caracterização dos dois sistemas de governança. No anglo-saxão o objetivo primordial das empresas tem sido tradicionalmente a criação de valor para os acionistas, enquanto nos países que se aproximam do modelo nipo-germânico as empresas devem equilibrar os interesses dos acionistas com aqueles de outros grupos que são impactados pelas suas atividades, como os empregados, fornecedores, clientes e a comunidade. É possível distinguir dois tipos extremos de controle corporativo: 1) shareholder, no qual a obrigação primordial dos administradores é agir em nome dos interesses dos acionistas, onde, além dos investidores e seus acionistas, um conjunto mais amplo de interesses deve ser contemplado pela ação e 2) pelos resultados da corporação.

3.5 A Cultura na Tecnologia da Informação e suas conexões com as Relações Internacionais

A cultura criativa trazida para o mundo corporativo e o mundo das tecnologias inovadoras dão às empresas novas formas de inovarem, criarem grandes centros de empregabilidade e gestão de controle sobre todas as colaborações entre seus funcionários. Com os avanços tecnológicos empresas passaram a reduzir custos estratosféricos muitas das vezes, trocando por exemplo infraestrutura interna por infraestrutura terceirizada.

A tecnologia com a abordagem construcionista poderia perfeitamente contribuir para a construção de ambientes de aprendizagem dentro das organizações e favorecer a criação de uma cultura de aprendizagem (SCHLUNZEN, 2003).

Com a inovação tecnológica, as empresas fornecedoras sempre estão buscando algo para reduzir, otimizar e acelerar os resultados competitivos. Ter as melhores decisões e os melhores produtos em um mercado tão aquecido, confessamos que não está fácil, pois além da grande diversidade de produtos e serviços que existem no mercado isso se torna cada vez mais complicado, fazendo com que as empresas levem mais tempo para tomar suas decisões.

No Brasil empresas e empresários buscam sempre o custo benefício “ O mais barato”. Em outros países, desenvolvidos, “ O mais barato” quase nunca é o melhor, pois já tem uma cultura desenvolvida sobre o mercado e já sabem o que é bom para sua empresa e qual produto adequado para o perfil de cada organização. É preciso, urgentemente empresários e empresas de pequeno, médio porte no Brasil começarem a pensar desta forma, analisar os investimentos através de produtos que realmente lhe agreguem valor de retorno e não que lhe agreguem valor imediato ao seu caixa, porque pensando assim as empresas estão levando para frente problemas ainda maiores, como desaceleração do crescimento, falta de comunicação entre colaboradores, retrabalho nos processos, custos altíssimos com impropriedades e ferramentas que não geram o retorno esperado. É bom sempre lembrar que as maiores tecnologias foram desenvolvidas para se obter grandes resultados, engenheiros buscam produzir através de necessidades já existentes, demandas existentes, fluxos e gargalos que já foram sentidos anteriormente e continuam sendo sentidos na maioria das empresas ou no dia a dia de vários usuários.

Vamos refletir como cada empresa funciona ou como cada uma cresce? Por que umas se desenvolvem rapidamente e outras levam mais tempo e muitas vezes não chegam onde gostariam de chegar? Será que todas por sorte ou falta da mesma sorte que outros tiveram? Apenas a gestão? Governança é algo que devemos mencionar e imputar sempre ao falar em empresas de sucesso. Governança corporativa, faz parte de uma cadeia de gestão, processos, implementação das melhores práticas, *compliance*, garantir que a cultura e a metodologia a qual se foi criada realmente esteja sendo aplicada dia a dia, empresa sem cultura, sem metodologia, sem histórico, não são empresa que buscam governança, a cultura leva até seus funcionários como eles devem agir, como eles devem se comportar nas empresas, como devem ir vestidos, como devem se relacionar, portanto se isto não está bem claro para as empresas, elas não estarão aplicando governança. Importante mencionar que não é só grandes empresas que criam cultura, pode começar até mesmo em empresas que estão surgindo. Todos nós temos uma história, portanto ela deve ser colocada nas empresas.

Empresas, por terem perfis diferentes, querem implantar processos similares, assim levou ao órgão de governança a ampliar suas qualificações, implementar novos processos habitualmente para que as empresas não caiam na contradição do mesmo, tornando-as obsoletas em processos repetitivos e engessados. Assim, foram criados vários programas de aperfeiçoamento de líderes e profissionais do ramo da tecnologia corporativa. Órgãos que exigem certificação de competência sobre o assunto estudado, dando assim maior escala de conhecimento para os profissionais do mercado. A ITIL e COBIT por exemplo são órgão eminentes que garantem à formação dos profissionais da área de tecnologia da informação para o mundo corporativo. Obter uma certificação como ITIL e COBIT 5 por exemplo é algo que dará ao profissional reconhecimento mundial em sua competência intelectual e técnica, garantindo assim, que este profissional passou por um processo rígido de ações educacionais que o forma nas boas práticas das exigências do mercado. A ITIL por exemplo é o órgão anuente que forma profissionais nas boas práticas técnicas já o COBIT nas boas práticas da governança corporativa não só da tecnologia mas de uma forma geral também.

Como ferramentas de aprimoramento e garantia de processos e boas práticas para a Governança de TI o COBIT e ITIL são fundamentos importantíssimos. Mencionando as duas

organizações é preciso falar do ISACA, que é uma entidade independente sem fins lucrativos que organiza conferências internacionais, pública e desenvolve padrões internacionais de controle e auditoria de SI, ajudando seus usuários a garantir a confiança e o valor dos sistemas de informação. Também atesta conhecimento e habilidades de TI através das designações mundialmente respeitadas como o CISA® (Certified Information System Auditor®), CISM® Certified Information Security Manager, CGETI® (Certified in the Governance of Enterprise IT®) e o CRISC™ (Certified in Risk and Information System Control™). O ISACA atualiza constantemente o COBIT®, o que ajuda a seus profissionais de TI e seus líderes a cumprirem suas responsabilidades e gestão em governança de TI, principalmente nas áreas de garantia, segurança, risco e controle, criando assim valores para a organização, onde se tem padrão há valor.

O COBIT® gera para as próximas gerações informações precisas e melhores práticas para o ambiente corporativo, os processos de práticas contudentes para a governança de TI. Baseado em mais de 15 anos de uso e aplicação prática do COBIT® por muitas organizações e usuários das comunidades de negócios, TI, risco, segurança e garantia. Bem, como mencionado ao nosso propósito de trabalho governança abrange uma formalidade de vários setores importantes de uma organização.

Permitindo que as partes interessadas falem sobre o que esperam da tecnologia da informação e tecnologias relacionadas, suas prioridades para garantir que os usuários realmente implementem valores fundamentais para o mundo corporativo. Está preparado para assumir riscos não basta apenas ter a coragem de assumir, é necessário está preparado para assumir, falar sobre o risco e o porquê do risco ser tomado. De forma baseada em diversas experiências anteriores e estudos de caso, o COBIT® possibilita gestores a estarem mais tranquilos na hora de tomar uma decisão.

O COBIT® não define como os processos serão executados, porém define controles básicos que possibilitarão que a tecnologia da informação cumpra seus objetivos estando alinhado aos objetivos de negócio. Um dos fatores críticos da aceitação do COBIT® nos diversos mercados e países é a sua orientação ao negócio. O COBIT® consiste em objetivos de negócios

ligados a objetivos de TI, provendo métricas e modelos de maturidade para medir a sua eficiência (FONTES,2008).

Tecnologia da Informação é cada vez mais inserida no contexto corporativo. Hoje em dia não podemos administrar uma empresa sem investimentos primários em TI. Muitas vezes não basta manter TI separada, mesmo que esteja alinhada ao negócio. Ela precisa estar integrada aos projetos organizacionais e estruturais da empresa.

Portanto o COBIT® busca obter melhor controle sobre o crescimento avassalador de números em soluções de TI e o que estão sendo gerenciados através de seus usuários e como isso está sendo feito.

A partir do alinhamento com os requisitos de nível do negócio e da boa convivência com outros padrões e modelos de boas práticas existentes no mercado, o COBIT®, cobre todo o conjunto de atividades de tecnologia da informação, concentrando-se mais em o que deve ser atingido em vez de como atingir em termos de governança, gestão e controle. Nesse sentido recomenda-se que o COBIT® seja utilizado no nível estratégico com o objetivo de delinear uma estrutura de controle e gestão baseada em um modelo de processos que seja aplicável a toda empresa (SCHLUNZEN, 2003)

O século XXI segue com fortes mudanças, vivemos a cada dia sobre constante alterações tecnológicas, devemos procurar acompanhar as inovações para que desta forma nos tornemos profissionais mais capacitados. Não vivemos mais de uma forma pragmática onde as grandes empresas eram as grandes e as pequenas apenas as pequenas que forneciam produtos para o mercado interno e ficavam assim por muito tempo. Na era da televisão assistimos programas fixos e sem muitas variedades. Os canais evoluíram acompanhando a evolução das transmissões, a evolução dos filmes também se deu por muito tempo, assim como a telefonia, onde as empresas produzia seus produtos e serviços através dos seus concessionários locais os tornando cada vez mais refém de seus produtos.

Com a evolução das plataformas digitais, isso mudou bastante, hoje como a exemplo da Amazon uma plataforma de eixo bem diferente, a Amazon é uma corporação, possui um mercado no qual vendedores e compradores se integram entre si, fazendo com que a corporação

não dite o que vende para seus consumidores. Estes consumidores dizem para a Amazon o que querem comprar e o que estão à procura, ligando assim seus fornecedores. Possibilitando consumidores a participarem do processo, contribuindo com notas aos produtos e serviços aplicados.

Atualmente não é usual ver gestões empresariais, governamentais e do terceiro setor com eficiência em seus processos tornando-os eficazes sem o uso de recursos de tecnologia da informação. Essa tecnologia está crescendo cada vez mais e mostrando que veio para ficar, para transformar o modo que trabalhamos, facilitando cada vez mais o dia a dia das empresas desde processos gerenciais e operacionais, fazendo com que se produza mais com menos, e ainda com menos custos. Esta tecnologia nos possibilita ainda uma amplitude no conhecimento das informações da empresa que nos facilita a tomar decisões perante a informações e números concretos, baseado em informações ponderais, definidas por padrão e de forma analítica. Melhorando o rendimento das empresas no atendimento que o seu mercado busca, saber quem de fato é seu público alvo, mencionar de onde ele vem, de onde é, os que não são como podem se tornar a ser, informações cruciais para virar o jogo principalmente em momentos de crise.

Sobre a ótica das inovações de plataformas de comunicação é importante frisar que sem a internet nada disto seria possível, toda esta revolução tecnológica se deu pela criação da internet, tendo a tecnologia como base disso tudo. As redes de computadores e os ambientes virtuais vem modificando cada vez mais a comunicação da organização com os seus clientes e fornecedores. Se tomarmos como exemplo a forma de comunicação colaborativa que se vê hoje, transformando um ambiente muito mais dinâmico, responsivo, aleatório e de fácil acesso, faz com que essa comunicação seja mais dinâmica, onde cada indivíduo realmente se posicione diante de cada ideia. Parou para pensar quantas pessoas em uma reunião deixa de perguntar por achar que sua ideia não irá valer de nada? E em uma apresentação com o auditório lotado? Pois ferramentas inteligentes como a que o Google criou através de uma simples API dentro do programa Slides, onde cada indivíduo que porte um dispositivo móvel conectado a internet pode acessar um link disponibilizado pelo apresentador e a partir daí, enviar sua pergunta e em seguida o apresentador

responde conforme a apresentação seguir, facilitando a vida de quem apresenta e muitas vezes de quem quer perguntar e não pergunta devido suas limitações.

Ao mesmo tempo em que a TI fornece formas de comunicação muitas vezes até baratas demais para que a organização alcance seus objetivos e se insira no mundo tecnológico, existem sim os riscos operacionais que devem ser controlados.

Nos últimos anos com toda esta evolução, novas aparições, dúvidas que pairam no ar devido a informação que o mercado joga, não se concebe no tempo atual se privar de uma gestão em TI. Gerenciar processos dentro da empresa sem alinhar com TI? Alinhamento ao negócio de TI nas empresas sem agregar valor é o principal descrédito de várias áreas de TI nas organizações, que não atendem aos requisitos do negócio e se expõe a risco inimagináveis, sobretudo falta de padrão organizacional.

3.6. Governança Corporativa x Governança de Tecnologia, motivando um cooperação no âmbito externo

A governança de TI vem evoluindo assim como a governança corporativa, uma está ligada a outra. Portanto a governança requer processos e seus executivos precisam exigir isto, porém como podemos mensurar essas exigências? O livro de Aguinaldo Aragon Fernandes um especialista na área de Governança, menciona a importância da governança e tecnologia para a cooperação e as relações exteriores.

Existem quatro questões básicas para explicar o processo de Governança de TI: primeiro, verificar se a empresa faz as coisas certas; segundo, se a empresa está atuando de forma correta; terceiro, se a empresa está utilizando recursos eficaz e eficientes, lembrando que isto envolve por exemplo o uso de pirataria; quarto, os objetivos das empresas que foram estabelecidos estão sendo alcançados? Apesar de serem conceitos relativamente novos, faz todo sentido para mostrar como isto faz a diferença e como empresas evoluem a partir destes princípios. É a partir de três principais áreas de conhecimentos que se constrói os pilares da governança corporativa: Gestão, Auditoria, TI.

- Gestão - estabelece um sistema de controle gerencial, bem como um ambiente que promova o alcance dos objetivos do negócio.
- Auditoria - de forma independente avalia todas as adequações e a eficácia dos controles estabelecidos pela gerência/diretoria.
- Tecnologia da Informação - apoia e capacita a execução dos controles do nível estratégico ao operacional.

Em uma economia atual baseada em conhecimento e informação, a dependência que envolve TI nos dias atuais é inevitável. As organizações passaram a gerenciar, tomar suas decisões através de processos tecnológicos que deixam as empresas mais dinâmica em suas tomadas de decisões. O sucesso das empresas depende praticamente de 100% que seus processos estejam seguros e sejam confiáveis. Por isso empresas que não estão se preparando para os devidos fins de segurança passam a ser empresas voláteis, inseguras e desatualizadas, o que pode lhe custar uma vida nos negócios.

Assim, a governança na TI ajuda as empresas a tirar o máximo de proveito da informação, tendo quase sempre benefícios para serem aproveitados e suportando os requisitos das organizações, sendo assim, um propulsor para a Governança Corporativa. Podemos concluir que a Governança corporativa e a Governança de TI necessitam e precisam estar sempre interligadas, não podendo serem consideradas assuntos distintos de forma isolada, fazem parte uma da outra para que se mantenha o corpo estrutural da organização.

Dentro do escopo de Governança em TI a diretoria deve ser a parte responsável em gerir o processo executivo da organização, dividindo essas obrigações com a Governança Empresarial que irá consistir na parte da liderança corporativa, estruturação e de seus processos. Tudo isto assegurado pela TI, garantindo o apoio às estratégias e objetivos da empresa.

Como os avanços na tecnologia uni-presente, ou seja, a tecnologia oriunda dos anos 90 até os dias de hoje, período o qual é chamado de “estado da arte” em que se encontra a TI. Para uns seria a Computação Ubíqua, ou seja, acesso às informações da tecnologia de qualquer lugar, através de qualquer dispositivo móvel, a qualquer hora, apenas com uma conexão à internet.

Os ganhos com a TI e suas eficiências

As soluções em TI para o mundo corporativo, baseado em um histórico, podem até se complicarem devido a grande quantidade de soluções existentes, predominando um mercado multisetorial, que demonstra obter a quantidade de soluções para qualquer tipo de necessidade. Este excesso de soluções acaba atrapalhando a decisão por exemplo de qual ferramenta, qual solução contratar. Pensando desta forma é que os profissionais da área de TI, sejam parte técnica ou executiva, estão em constante busca por qualificação na área. Com o mercado em constante competitividade e as demais soluções que existem no mercado, desde soluções baratas e ineficientes até soluções caras com eficiência, os gestores muitas vezes ainda tem muitas dúvidas em qual ferramenta deve contratar para a empresa a qual faz parte.

Assim, esses profissionais buscam as qualificações para poderem entender cada vez mais quais as soluções que melhor se atribuem ao mercado em que ele vive, qual o melhor custo. Os custos elevados serão viabilizados ao longo da usabilidade da solução?

Estamos em uma era em que não importa muito o que fazemos, o que importa mesmo é fazer mais rápido e com menos recursos. Até que ponto podemos analisar desta forma? Será que devemos seguir o pensamento que devemos fazer tudo mais rápido sem pensar muito, tomando as decisões de que forma? Em várias ocasiões chegamos a ver projetos inicializados, tomando forma, sendo encerrado, sem que uma estratégia tomada ou definida, seja produzida em coerência. O que nos tornaria eficiente? Atravessar a linha de chegada? Ou estudar todo o trajeto, estudar os oponentes, qual o tempo de cada um, que calçado estão usando, quantas horas por dia eles treinam, baseado em números reais, a partir daí poderia se criar uma estratégia para render mais, em menos tempo e vencer os oponentes?

Eficácia é a qualidade dentro de um processo onde se existe o início do porquê daquele projeto, qual será o objetivo final, seguindo os protocolos alinhados em projeto, mapeando-os para um plano diretor ser aprovado, assim é na TI, quando se inicia um projeto, se zela por ele, as operações de TI entram no processo somente quando estiverem alinhados com o plano diretor de TI (PDTI), que ainda terá que estar alinhado ao plano estratégico da empresa.

4. A política internacional corporativa em um mundo tecnológico

É importante considerar a diferenciação entre os modelos de governança aplicados efetivamente nas mais diversas regiões do mundo, pois o sistema de governança que é adotado pelas empresas depende do contexto sociocultural e institucional ao qual elas pertencem.

Os sistemas de governança apresentam distinções importantes, em alguns momentos eles são precários em outros eles encontram-se evoluindo.

A economia de mercado tem encontrado soluções para seus problemas de governança corporativa na medida em que garantem a entrada de fluxo de capital. O sistema de governança corporativa deve promover mercados transparentes e eficazes e ser coerente com o Estado de Direito, além de articular com clareza a divisão de responsabilidades entre as diferentes autoridades supervisoras, reguladoras e executadoras da lei (COSTA, 2008).

Porém isso não significa e nem representa que os problemas de governança corporativa tenham sido solucionados, ou que, esses mecanismos não precisam ser desenvolvidos, ressalta-se que os fatores que distinguem os modelos de governança dão destaque às situações históricas, culturais e institucionais dos Países.

Um sistema de governança corporativa é composto pelo conjunto de instituições, regulamentos e convenções culturais, que regem a relação entre as administrações das empresas e os acionistas ou outros grupos aos quais as administrações, de acordo com o tipo de modelo, devem prestar contas. As características e o desenvolvimento desses modelos, que podem ser associados a grupos de países, refletem as peculiaridades de formas distintas de organização capitalista e prioridades políticas e sociais diversas. Podemos identificar dois modelos clássicos de governança corporativa: o anglo-saxão, que prevalece nos Estados Unidos e no Reino Unido, e o nipo-germânico, que predomina no Japão e na Alemanha (e na maioria dos países da Europa continental).

Esta classificação serve mais como referência analítica já que a evolução de ambos, nos últimos anos, têm comprometido de alguma maneira a “pureza” de tais caracterizações. Apesar do modelo anglo-saxão ter sofrido críticas nos seus países de origem, ao longo dos últimos 10

anos, é possível detectar uma tendência por parte das mais importantes empresas da Alemanha e do Japão no sentido de se aproximar preferencialmente deste modelo no que diz respeito aos objetivos primordiais da atividade empresarial (especialmente a criação de valor para os acionistas) e às práticas de governança que permitem melhor alcançá-los.

5. Segurança da Informação e sua importância nas Relações Internacionais.

As exigências do mundo globalizado impõe que as relações de consumo sejam cada vez mais competitivas e acirradas, assim vislumbra-se significativas transformações que ocorreram rapidamente na vida da sociedade, nas relações de trabalho, assim como nas relações interpessoais e neste contexto, está inserido o avanço tecnológico e a tecnologia da informação, processo que se torna fundamental para sociedade em geral, contemplando ferramentas chave no âmbito empresarial organizacional, que beneficiam todo o processo de gestão, tornando a empresa competitiva num mercado cada vez mais diversificado e competitivo. Na atualidade, está clara a impossibilidade de uma empresa sobreviver sem a utilização da Tecnologia da Informação, pois ao contrário, estaria estagnada e praticamente inviabilizada de operações de produção e financeiras e de alcance global. A era da informação, com adequada utilização, permite o acesso ao maior conhecimento, levando a evolução tanto no âmbito gerencial, como individual.

A informação é estratégia pertencente em toda e qualquer empresa, é também um recurso de vital necessidade e importância nas organizações. A segurança da informação é considerada como recurso que tem o intuito de proteger e também de gerir.

As empresas pertencentes ao setor de serviços especializados tendem a criar, como parte de sua estratégia de gestão de pessoas programas de incentivo de longo prazo para retenção de executivos e de seus profissionais qualificados. Pressionadas pelas agressivas empresas virtuais e por um mercado cada vez mais ávido e carente de profissionais qualificados, as empresas desse setor adotam estratégias como a opção de compra de ações, concessão de bônus, participação nos lucros (TACHIZAWA,2006).

A informação encontra-se presente em toda parte e deve ser armazenada em papéis impressos, eletronicamente em banco de dados, ficheiros, em imagens ou vídeos e por vezes em conversas entre os funcionários. Para se criar um projeto de segurança da informação em uma organização é necessário que se trace em primeiro lugar diretrizes, mecanismos de segurança e procedimentos, ferramentas de proteção e autenticação e a sua relação de custo e benefício.

Para os tomadores de decisão os bancos de dados ganham destaque entre os dispositivos de TI uma vez que é onde estão armazenados os dados / informações necessárias para qualquer empresa, independentemente de sua estratégia organizacional (LEITE,2008).

Ao estabelecer o nível de segurança é importante e fundamental, este nível de segurança deve permitir a cada funcionário acesso ao conteúdo que lhe é permitido. Em termos organizacionais, a informação tem um papel vital quando se refere à gestão, à organização e a subsistência das entidades.

O Processo de segurança da informação não existe para si mesmo, conseqüentemente, a governança também. Tudo deve ser feito para possibilitar que o negócio se realize, alinhamento, dentro do tempo planejado. Porém essa ação tem que ser de mão dupla. O negócio precisa querer e permitir esse alinhamento (LEITE,2008).

O valor que é atribuído não é mensurável e a sua perda pode significar impactos sobre a produtividade, desorganização e instabilidade. Os riscos associados à falta de segurança, dados podem ser perdido através de um bug em seu banco de dados, os hackers podem se beneficiar destas falhas e conseguirem infiltrar no sistema da organização.

Dentro do sistema da empresa, é permitido o acesso a todos os dados relacionados à empresa, bem como dados dos seus clientes, por isso ao adotar uma política de segurança da informação deve-se considerar estas questões.

Os benefícios esperados são com o intuito de evitar o vazamento, fraudes espionagem comercial uso indevido. Sabotagens e diversos outros motivos que porventura possam prejudicar a empresa. A segurança tem a finalidade de aumentar a produtividade dos funcionários por meio de um ambiente mais organizado e viabilizar aplicações críticas das empresas.

Os EUA recentemente vivem um conflito junto com a Rússia sobre atividades cibernéticas e avaliam como reagir a ataques cibernéticos russos.

Em 2013 tivemos o caso de Snowden, técnico da NSA e CIA por alguns anos. Snowden nascido nos EUA, colocou seu país em cheque e uma grande dúvida em todos os países, devido as fortes acusações sobre espionagem cibernética dos EUA. Assunto que nos deixa encabulado e com muitas dúvidas sobre a segurança da informação nos dias de hoje, e até onde iremos chegar com tudo isso.

O caso de Edward Snowden nos faz repensar em vários pontos, sejam positivos ou negativos. Técnico da NSA, Snowden de certa forma tinha acesso às informações cruciais de seu país, porém não tão simples assim (G1, 2013).

Snowden deixou o estado do Havaí e foi primeiramente para Hong Kong, em 20 de maio de 2013. Em junho, os EUA pressionaram Hong Kong para responder ao pedido de extradição, visto que há um tratado de extradição em vigor desde 1998 (G1, 2013).

Em 23 de junho, Snowden deixa Hong Kong para Moscou, capital da Rússia. A viagem foi feita com apoio do WikiLeaks⁴, de Julian Assange, que enviou uma militante para ajudar o ex-técnico da CIA. O americano ficou na área de trânsito do aeroporto de Sheremetyevo por 40 dias, em um "limbo" jurídico, uma vez que não tinha documentos para entrar em território russo—seu passaporte havia sido revogado pelos Estados Unidos (G1, 2013).

Snowden enviou pedido de asilo para 21 países, entre eles Brasil, Cuba, Venezuela, Bolívia, Nicarágua, China, Rússia, Alemanha e França, segundo o WikiLeaks. Três desses países se dispuseram a abrigá-lo – Venezuela, Bolívia e Nicarágua (G1, 2013).

No dia 16 de julho, Snowden pediu asilo temporário oficialmente à Rússia. Em 1º de agosto, ele recebeu os documentos necessários e deixou a área de trânsito do aeroporto rumo a um "local seguro" em território russo, onde vive até os dias de hoje depois de uma renovação de asilo (EXAME, 2013).

⁴ **WikiLeaks** - é uma organização transnacional sem fins lucrativos, sediada na Suécia, que publica, em sua página, postagens de fontes anônimas, documentos, fotos e informações confidenciais, vazadas de governos ou empresas, sobre assuntos sensíveis.

Os Estados Unidos acusam Snowden por traição a seu país. Por esse motivo, caso ele tenha a chance de voltar ao EUA, lhe paira a forte pressão de sofrer um processo judicial. Em algumas entrevistas a jornais americanos ao secretário de Justiça americano, uma anistia para Edward estaria fora de cogitação, diz o secretário (Carta Capital, 2014).

Mesmo com toda estas possibilidades e dificuldades existentes na vida de Snowden, o mesmo ainda tem esperanças de fazer um acordo com as autoridades de seu país. Afirmou que não passaria o tempo esperando um telefonema, mais que saudaria a possibilidade de conversar e finalizar a questão de forma satisfatória para todas as partes (Carta Capital, 2014).

Coincidência ou não, os EUA e Rússia passam por momentos críticos em suas inteligências, devido a ataques cibernéticos na atualidade. O estado americano em sua corrida às eleições de 2016 acusa formalmente a Rússia, de usar Hackers para interferir nas eleições deste ano, a Casa Branca está diante de um momento decisivo sobre como reagir a ataques cibernéticos. Portanto, sanções e retaliações diretas são algumas das opções que estão sendo consideradas neste momento.

Segundo o professor de estudos de segurança Thomas Rid da King's College, de Londres, em entrevista, em alguns aspectos, esse é o mais consequente e grave ataque cibernético que podemos ver até hoje, visando o plano político, pois há muita credibilidade em jogo. (Valor Econômico, 2016).

Na era da discussão nuclear, na Guerra Fria, os comandantes americanos e russos adquiriram uma percepção detalhada de como um conflito poderia se intensificar, o que criou freios para as tensões entre as duas superpotências.

O que ainda não existe no mundo cibernéticos entre nações é a regra simples e única de cumprimento, de uso geral. Tudo tem de ser considerado caso a caso. Não se pode pressupor que, porque nada ainda foi detectado de forma ampla, não existe ainda uma atividade em andamento. Os EUA teriam a opção de retaliar a Rússia diretamente, lançando um ataque contra a capacidade cibernética russa, possivelmente desativando os sistemas militares.

Segundo afirmações americanas, o país está mais capacitado, tanto ofensivamente como defensivamente, do que a Rússia e qualquer outro país no campo cibernético.

5.1. Vulnerabilidade, perigo, ameaça à segurança no mundo globalizado e suas relações.

As ameaças à segurança podem acontecer de diferentes formas: como incêndios, inundações, falhas de energia, sabotagem, vandalismo, roubo e outros fatores. O uso da internet dentro das organizações trouxe novas vulnerabilidades na rede interna.

Esta evolução da indústria, da tecnologia, dos transportes, dos meios de produção era inevitável. A questão maior é que o avanço do capitalismo trouxe riscos não mensuráveis, incertezas e falta de controle pelo excesso de produção, como aqueles ao meio ambiente do livre acesso do direito de ir e vir (TEIXEIRA, 2013).

O uso da internet nas organizações trouxe novas vulnerabilidades na rede interna, se não bastassem as preocupações existentes com espionagem comercial, fraudes, erros e acidentes, agora as empresas também precisam estar atentas aos hackers, invasões, vírus e outras ameaças que penetrem através desta nova forma de acesso.

Para assegurar sua participação na internet, relevantes esforços e investimentos estão sendo realizados, porém apesar de estar progredindo a um bom ritmo, o desenvolvimento da rede no Brasil, comparado a outros países, ainda está numa fase inicial (ABDALA, 2003).

Os sistemas de informação, às redes de computadores, os bancos de dados, o sistema de energia e comunicação são fatores de vulnerabilidade e risco. Para que se ganhe segurança em uma determinada aplicação para internet ou intranet é necessário ter zelo por 4 elementos: Segurança na estação de controle; segurança no meio de transporte, segurança no servidor e segurança na rede interna e na estação de trabalho.

Ao utilizar a internet e a intranet, um dos elementos mais frágeis é a estação de trabalho. As estações dos usuários podem armazenar chaves privadas e informações pessoais na maioria das vezes e sem proteção ou controle de acesso.

Para o uso da internet e da intranet é preciso que esteja presente um sistema de segurança nos servidores das empresas. As empresas têm conectada sua rede interna à internet, mas, não gostariam de conectar à internet à sua rede interna.

É necessário o uso de firewalls, sistemas que visam proteger o acesso por meio de um servidor de controle em um ponto único de entrada e saída dos dados.

O uso de firewalls controla os serviços e acessos permitidos, monitora o uso e as tentativas de violação e protege contra invasões externas embora, necessite ainda de avançados conhecimentos técnicos em virtude de sua complexidade de uso e configuração.

6. Conclusão

Atualmente, devido ao mercado globalizado e altamente competitivo, aumenta cada vez mais a pressão para que as empresas busquem maneiras novas de criar e entregar valor aos clientes, com o objetivo de assegurar os lucros nos negócios e manter vantagem competitiva. A origem da vantagem competitiva está na capacidade da empresa de se diferenciar de seus concorrentes, aos olhos dos clientes, e em operar a custo baixo, ou seja, com maior lucro.

A busca pela vantagem competitiva tem sido o desafio dos gestores que estão conscientes da realidade dos mercados atuais. A vantagem de valor concede ao produto um diferencial sobre a concorrência; valor para o cliente é definido como a diferença entre os benefícios percebidos de uma transação e os custos totais incorridos. Sabe-se que os desejos dos consumidores são ilimitados, porém seus recursos são limitados, esse fato, os obriga a escolher produtos com maior valor e satisfação pelo menor esforço. Assim, empresas bem-sucedidas geralmente, são aquelas que entregam mais valor ao cliente que seus concorrentes. Hoje, as empresas procuram cada vez mais, diferenciar seus produtos e serviços, agregando valor para o cliente, na tentativa de superar a concorrência.

A busca incessante por produtos que satisfaçam plenamente o consumidor exigiu um aprimoramento da empresa com vistas a aumentar a flexibilidade de seu sistema produtivo. Ou seja, a empresa deve possuir a capacidade para oferecer produtos diferenciados para o mesmo mercado alvo. Produtos personalizados apresentam um diferencial competitivo importante.

Para atuar no mercado virtual, no contexto de um mundo globalizado é um caminho promissor de via única. As maiores empresas globais identificaram que para garantir a sobrevivência no mundo dos negócios é necessário acompanhar as exigências e o perfil de compra dos seus clientes, que utilizam a rede mundial de computadores para realizarem diversas atividades que vão desde entretenimento, relacionamento e compras.

Esse ambiente pressiona as empresas para um patamar de competitividade que envolve a adesão irreversível aos processos de Governança Corporativa e da Tecnologia da Informação, incluindo todas as considerações relativas à segurança da informação. De fato, um dos assuntos mais sensíveis na atualidade. Empresas e sistemas de segurança nacional vem se aprimorando e

criando regimentos para uma melhor proteção dos ataques cibernéticos, principalmente os ligados à segurança nacional entre as principais nações dos continentes. Vimos o caso de Edward Snowden, técnico da NSA, uma das principais redes de segurança nacional americana, divulgar todos os dados de espionagem internacional. Define-se que os EUA não estariam nesta guerra sozinhos, assim como outros países espionam os EUA, como Israel, o estado americano teve a ajuda de Espanha e França.

A espionagem existe a muito tempo, porém não podemos afirmar que somos alvos frequentemente de Hackers ou que todos os sistemas estão vulneráveis a qualquer tipo de invasão cibernética. Prova é tanto que existem as certificações para Hackers éticos, onde atuam em empresas ou organizações para identificar possíveis ataques, ou seja, estão sempre trabalhando no processo defensivo, informando as empresas que “portas” estão abertas ou vulneráveis.

Confirmado pela própria NSA, Snowden teve acesso a senhas de colegas de trabalho para acessar as demais informações que ele não estava autorizado a ver. Provando que as seguranças existem, que não estamos tão vulneráveis, mas é preciso que as empresas se preocupem com suas infraestruturas tecnológicas e passem a prover de melhores serviços de inteligências tecnológica. Seguros 100% nunca estaremos, pois não existe esta garantia, mas grandes empresas investem diariamente em segurança da informação e passam a dar credibilidade a sociedade.

Referência Bibliográfica

- ABDALA, Elisabeth. **Tecnologias da Internet**. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2003.
- ALVARES, Elismar. **Governança Corporativa: Um modelo brasileiro**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- ARAÚJO, Giovanni Moraes de. **Elementos do Sistema de Gestão: Sistema de Gestão integrada**. Rio de Janeiro: Gerenciamento Verde, 2010.
- BOCK, Laszlo . **O novo jeito de trabalhar - Editora Sextante - Lista dos mais vendidos do THE NEW YORK TIMES**, 2015.
- CASTTELLS, Manuel. **A galáxia Internet: Reflexos sobre a Internet negócios e a sociedade**. Brasília: Zahr, 2003.
- COSTA, Tiago. **O mundo da Qualidade**. Rio de Janeiro: clube de autores, 2008.
- EAGLE, Alan . **Como funciona o Google - Prefácio de Larry Page**, São Paulo: Intrínseca, 2015.
- FERNANDES, Aguinaldo Aragon e ABREU, Vlademir Ferraz - **Implantando a Governança de TI - Best Seller**, 4ª edição.
- FERNANDES, Aguinaldo Aragon. **Implantando a governança de TI**. Rio de Janeiro: Brasport, 2014.
- FONTES, Edson. **Praticando a segurança da informação**. São Paulo: Brasport, 2008.
- JOIA, André. **Gestão estratégica da tecnologia da informação**. Rio de Janeiro: FGV, 2015.
- KOLB, Anton. **Ciberética: responsabilidade em um mundo interligado pela rede digital**. Rio de Janeiro: Loyola, 2001.
- LEITE, Mario. **Banco de Dados com ferramentas RAD: aplicações em DELPHIC**. Rio de Janeiro: Brasport, 2008.
- LEAL, Ricardo Pereira. **Governança Corporativa no Brasil e no Mundo**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2002.
- LIMA, Fábio . **O comércio eletrônico e as plataformas B2 e C2**. Londrina: Escola superior de Comunicação, 2012.
- LUNA, Alexandre. **Implantando Governança Ágil**. São Paulo: Brasport, 2011.
- MAZZALI, Rubens. **Gestão de Negócios**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- MOREIRA, Adriano Fernandes. **Direito à vida privada e marketing no comercio eletrônico B2**. São Paulo: clube dos autores, 2009.
- NETO, Henrique Martins José. **Finanças e Governança corporativa: Práticas e estudos de Caso**. São Paulo: Elsevier, 2010.
- OLIVEIRA, Roberto Jesus de. **E-COMMERCE na prática**. Rio de Janeiro: Clube dos Autores, 2010.
- OLIVEIRA, Aline Araujo de. **Fortalecimento da marca: uma estratégia competitiva no mercado** . Paraiba: UFPB, 2010.

- OLIVEIRA, Fatima Bayma de. **Tecnologia da Informação e da Comunicação: Articulando Processos, Métodos e Aplicações**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- PINHO, José Benedito. **Publicidade e Vendas na Internet**. Rio de Janeiro: Summus, 2000.
- PISCIONE, Deborah Perry . Os segredos do Vale do Silício - O que você pode aprender com a capital mundial da inovação – Rio de Janeiro: HSM, 2014.
- SARFATI, Gilberto, Manual de Diplomacia Corporativa - A construção das Relações Internacionais da Empresa – Rio de Janeiro: Atlas, 2007.
- SCHLUNZEN, Klaus Junior. **Aprendizagem : cultura e tecnologia**. São Paulo: UNESP, 2003.
- SILVA, Vieira. **Marketing Pessoal e vendas: Chefia e liderança**. São Paulo: Clube dos Autores, 2007.
- SILVA, André Luiz Carvalhal da. **Governança Coperativa e decisões financeiras no Brasil**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2005.
- TACHIZAWA, Takesshl. **Gestão de Pessoas: Uma abordagem aplicada às estratégias de negócios**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- WEILL, Peter e ROSS, Jeanne W - Governança de TI - Edira MBooks
- VERTIS. **Entenda o B2**. Artigo disponível em: www.vertis.com.br. Acesso em 10 de agosto de 2016.
- VOGELSTEIN, Fred . **Briga de cachorro grande - Como a Apple e o Google foram a guerra e começaram uma revolução** - São Paulo: Intrínseca, 2014.